

Sob pena de nos acumpliciarmos com a omissão e a pusilanimidade.

Por último, mas não finalmente, há que registrar, na culminação da cruzada reacionária de avassalamento da Universidade Brasileira, o impedimento à participação estudantil no processo vital da Universidade. A repressão que lhe foi movida im-piedosamente, a impossibilidade do exercício da prática democrática, a tentativa de atrelá-lo à mediocridade intelectual, ética e política dos que lhe dirigiam o destino, a proibição de seu direito de pro-testar e de organizar-se autonomamente, são, com certeza, responsá-veis diretos pelas próprias contradições e ambiguidades que se tenta atribuir ao movimento estudantil. À despeito de tudo, os estudantes brasileiros, ao lado dos operários e dos intelectuais, têm mantido a linha de frente da luta pela restauração da lucidez e da dignidade, submetidos, enquanto isso, à incompreensão e aos riscos que todos conhecemos na contingência histórica do nosso tempo. Ignoradas suas pretensões, desmantelados seus órgãos associativos de representação, perseguidos seus líderes, eles se organizaram em resistência e recuperam agora sua entidade máxima: a União Nacional dos Estudantes. Persistir no alijamento do estudante do processo decisório da vida universitária é retardar o próprio processo de reconstrução.

Às insuficiências e descaminhos da universidade brasileira é indispensável contrapor a utopia concreta de instituições de ensino e pesquisa de nível superior que estejam realmente comprometidas com as necessidades e esperanças de nosso povo.

Foi dito que nossa primeira universidade teve nascimento tardio e episódico. Na verdade, nossa experiência universitária jamais conseguiu libertar-se inteiramente de seus vícios de origem e tem-se exercido mais para ratificar a ordem social que para criticá-la. No que tem de mais característico e representativo, a universidade brasileira, como instituição, é um órgão essencialmente conservador, que abomina a mudança social e a reforma, particularmente quando essas transformações põem em risco o sistema de poder e de privilégios que opera intra-muros. Não é de estranhar, pois, que os poucos experimentos brasileiros de crítica ao establishment universitário através da criação de instituições realmente inovadoras, como foi o caso da Universidade do Distrito Federal e da Universidade de Brasília, tenham atraído sobre si a animosidade odi-enta dos setores conservadores. Ambas pereceram, no que tinham de mais criativo e inaceitável aos olhos do poder, imediatamente após a instauração de regimes ditatoriais no Brasil: a UDF, imediatamente após o golpe de 1.937 e a UNB numa longa agonia que se estendeu de